



DESENHANDO O CERRADO: DA INVISIBILIDADE À LUCRATIVIDADE

Lorraine Gomes da Silva¹, Eguimar Felício Chaveiro²

(1- Mestranda do curso de Geografia pela Universidade Federal de Goiás - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA).Rua Ary Bento Xavier Qd: 04 Lt: 12 – Setor: Panorama Parque - Inhumas-Goiás CEP: 75400-000 - lorrannegomes@gmail.com; 2- Professor Dr. do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás. Vice-coordenador do LABOTER – Laboratório de Estudos e Dinâmicas Territoriais. Av. Rio Branco, Cond. Dom Felipe, Apt 601, Bl. 09, Setor Urias Magalhães - Cep: 74565070, Goiânia-GO - eguimar@hotmail.com).

Resumo

Esse artigo discute algumas particularidades do Cerrado goiano, apresentando como esse bioma já foi degradado no estado, destacando o uso e apropriação distinta entre as regiões, evidenciando dois casos específicos a cidade de Minaçu no norte goiano e a cidade de Rio Verde no sudoeste goiano. A escolha dessas cidades se deu a partir de trabalhos de campo. Busca-se compreender sobre o custo que é para o Cerrado sair da invisibilidade para a lucratividade. Goiás tornou-se um Estado integrado às demandas do mercado internacional e, de fato, conseguiu inserir a globalização. A inserção significativa do Estado na economia brasileira é representada, pela valoração do bioma Cerrado (antes invisível), que a partir de 1930 recebeu inúmeros investimentos e foi reconhecido como possuidor de terras planas e chapadões, tornando viável a mecanização, com uso intensivo de máquinas agrícolas e adaptação das sementes ao solo, com o auxílio da engenharia genética. Assim, o Cerrado hoje encontra-se resignificado em um palco de disputas territoriais de várias ordens desde quando saiu do desprezo para a valoração econômica. Neste contexto o que valoriza também destrói drasticamente, tornando a razão do desprezo e a razão da destruição uma única visão economicista do Cerrado.

Palavras-Chaves: Cerrado – invisibilidade – lucratividade



Abstract

DRAWING CERRADO: INVISIBILITY TO PROFITABILITY

This article discusses some peculiarities of the Cerrado in Goiás, showing how this biome has been degraded in the state, highlighting the use and ownership among different regions, and two specific cases in the northern city of Minaçu Goiás and the city of Rio Verde in southwestern Goiás. The choice of these cities took from the field. We seek to understand the cost that is about to leave the Cerrado invisibility to profitability. Goiás state became an integrated international market demands and, in fact, able to enter the globalization. The insertion of State significant in the Brazilian economy is represented by the valuation of the Cerrado biome (previously unseen), who in 1930 received numerous investments and was recognized as having flat lands and plains, making it feasible to mechanization, intensive machinery Agricultural and adaptation of seeds to the soil as an aid in genetic engineering. So, the Cerrado today is reframing in a stage of territorial disputes of various kinds since he came out of contempt for the economic valuation. In this context it also destroys what value dramatically, making the reason for the contempt and the reason for destroying a single economic view of the Cerrado.

Keywords: Cerrado, invisibility, profitability

Resumé

LE DESSIN DU CERRADO: DE L'INVISIBILITE A LA RENTABILITE

Cet article discute quelq'unes particularités du Cerrado de l'état de Goiás en présentant la dégradation de cet bioma, leur usage et leur appropriation diférents entre les régions nort et sud-ouest, avec les exemples des villes de Minaçu au nort et Rio Verde à sud-ouest de Goiás. Ce ont été fait plusieurs travaux à la campagne dans cettes villes pour comprendre le signifiat de l'invisibilité à la rentabilité. Goiás a devenu un État préoccupé avec les demandes du marché international et avec l'insertion dans la globalisation. La participation détachée de l'État dans l'économie brésilienne est présentée pour la évaluation du bioma Cerrado quand il a reçu depuis 1930 plusieurs investissements pour la mécanisation agricole et l'adaptation des semences au sols avec l'ingénierie et au relief plain appelé « chapadões ». Le Cerrado aujourd'hui se devient la scène de disputes territoriaux des plusieurs ordres depuis quand il a sorti du dédain pour l'évaluation économique. Dans ce contexte ce qui valorise aussi détruit



drastiqueement, en rendant raison du dédain et de la raison de la destruction une seule vision économiciste du Cerrado.

Mots-clés : Cerrado- invisibilité- rentabilité

1-Introdução

Não recebendo políticas de incentivo até meados de 1930, o Cerrado, localizado no interior do país, com suas tortuosas árvores, miúdas, baixas, esparsas, nas quais compõe diversas fitofisionomias, juntamente com solo pobre e “um monte de espécies que não serve para nada” permaneceu mudo e estranho diante o desenvolvimento econômico e os olhos do capital.

No início da década de 1970, as políticas governamentais passaram a estimular a ocupação da Amazônia na esperança de que, em pouco tempo, pudesse se tornar importante região agrícola. Como isso não aconteceu, a princípio, o interesse governamental voltou-se novamente aos cerrados, mais bem situados em relação aos crescentes mercados do Centro-Sul, marcando, assim, o início do desenvolvimento agrícola.

A partir de 1970, o ritmo de ocupação do Centro-Oeste acelerou, com base em intensa política de expansão da fronteira agrícola, ocorrida com o aproveitamento dos cerrados (até então tidos como inaproveitáveis) e a abertura de novas terras para exploração agrícola e pecuária. Esse processo de ocupação trouxe à esse bioma um enorme fluxo de migração.

O que impulsionou a inserção dos cerrados nas áreas produtivas, e conseqüentemente o desenvolvimento agrícola da região Centro-Oeste, foram alguns programas específicos implementados nessa região. Dentre os principais, pode-se destacar o POLOCENTRO (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados) e o PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para Desenvolvimento dos Cerrados).

Diante os incentivos e políticas de desenvolvimento do Cerrado, hoje existe uma valorização desse bioma no limiar de uma consciência constatada, o Cerrado enquanto marca: Bar Cerradus; Restaurante cerrado; Feira do Cerrado; Povos do Cerrado; Sons do cerrado; o Cerrado enquanto cenário do agronegócio; da agroindústria, do hidronegócio; o Cerrado para o turismo; o Cerrado exótico e tantas outras apropriações.

No entanto, a modernização do território e da agricultura ao mesmo tempo em que inseriu o Cerrado na nova dinâmica econômica brasileira trouxe drásticas conseqüências para degradação do meio ambiente, social e cultural desse bioma. Alguns exemplos desta realidade



são: a perda da biodiversidade, impactos nas águas, a erosão e compactação dos solos, mudanças climáticas, a distribuição desigual da população, o êxodo rural, a concentração de renda e muitos outros problemas relacionados ao desenvolvimento urbano, o choque entre o modo de vida tradicional e moderno; desapropriação de pequenas propriedades; entre outras.

Dados do IBGE (2004) apontam que 80% da vegetação do Cerrado foi extinto. Os 20% que restam, estão fragmentados. Uma porção do norte Goiano, Tocantins, Maranhão, ainda mantém áreas com vegetações típicas (fitofisionomias) do Cerrado. Nessa perspectiva, faz-se necessário promover interações nos mais diversos segmentos da sociedade, repensando sobre o viver do e no Cerrado e os impactos provocados pela utilização dos seus recursos naturais.

O objetivo desse texto é destacar algumas particulares do Cerrado goiano, evidenciar o uso e apropriação distinta e desigual entre as regiões. A investigação ocorreu em duas cidades: Minaçu no norte goiano e Rio Verde no sudoeste goiano. A escolha dessas cidades se deu a partir de trabalhos de campo.

A primeira, pela pesquisa de mestrado que desenvolvemos com o grupo Indígena dos Avá-Canoeiro. A Terra Indígena Avá-Canoeiro está situada a 26 quilômetros da cidade de Minaçu e se interliga a esta por uma estrada asfaltada construída para facilitar o acesso à barragem da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa. Do asfalto à Terra Indígena, percorre-se uma distância de 12 quilômetros em estrada de terra, passando por entre morros, atravessando fazendas de gado e campos de Cerrado. Ainda na cidade estão a Usina de Canabrava e uma das maiores mineradoras de amianto do Brasil a SAMA.

Rio Verde, por um trabalho de campo realizado durante o primeiro semestre do mestrado na Universidade Federal de Goiás - Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) pelo programa de pós-graduação em Geografia, na disciplina: AMBIENTE E APROPRIAÇÃO DA REGIÃO DO CERRADO com o professor Dr. Manoel Calaça, onde visitamos o sudoeste goiano a fim de perceber o uso e ocupação intensa e avassaladora do Cerrado na região pelo agronegócio. A cidade além de ser uma dos maiores pólos industriais do Estado conta com inúmeras usinas de álcool.

A situação econômica, social, política e cultural dessas duas cidades são distintas como também a ocupação e apropriação do Cerrado goiano. Em Minaçu pelo setor energético (hidronegócio) e em Rio Verde pelo setor agro-industrial (agronegócio). É importante

ressaltar que são as maneiras de uso desse bioma que o tem tornado cada vez mais invisível pela degradação.

De que maneira é possível explorar e ocupar o Cerrado sem destruí-lo drasticamente?

Quais as conseqüências sociais, ambientais, culturais, dessa exploração?

Os Avá-Canoeiro existiram se estiverem localizados no sudoeste goiano na cidade de Rio Verde, por exemplo? Como seria a situação de vida deles lá?

Como os sujeitos são inseridos, percebidos e respeitados nos processos dessas ocupações?

As inquietações que envolvem essa discussão servem como pontos para compreendermos as singularidades das entranhas do capital que adentra os territórios que quebram barreiras, impõe regras e modifica o que for preciso para manter as cercas e porteiros da produtividade e do lucro.

Que preço custa para o Cerrado sair da invisibilidade para lucratividade?

2 – O Bioma Cerrado

O bioma Cerrado compreende uma área de 2.039.387 km², abrangendo 11 estados e o Distrito Federal (IBGE, 2004), como mostra a figura 01.

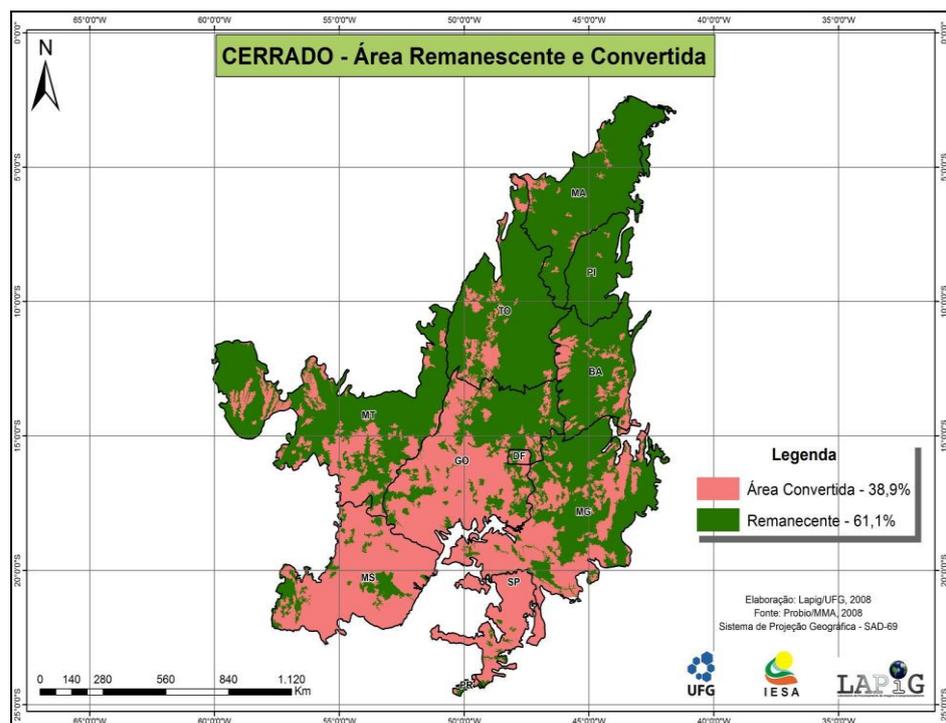


Figura 01: Mapa das áreas remanescente de Cerrado.



Na sua distribuição, encontra-se várias nascentes e parte considerável das três maiores bacias da América do Sul (Paraguai – Paraná, Araguaia-Tocantins e São Francisco), são determinadas principalmente por variações topográficas regionais e formas de relevo, por limitações hídricas e edáficas (Motta et al., 2002) e pela sazonalidade pluviométrica, em que mais de 80% da precipitação anual se concentra entre outubro e abril (Castro et al., 1994).

Cerrado é um bioma típico do continente sul americano. A principal característica deste bioma se refere às estações climáticas, divididas em duas estações muito bem diferenciadas: a estação da seca e a estação das chuvas. Esta característica, que ocorre à milhões de anos, consolidou as formas de vida e a geologia do local. Há a predominância de latossolos ácidos e bem lixiviados. Reconhecida como uma espécie de savana, possui fauna e flora com características bem peculiares.

Não existe uma paisagem homogênea no Cerrado, mas variadas fitofisionomias, apresentando formas florestadas (cerradão) até formações campestres (campo limpo, campo sujo), cujos limites não são muito definidos. Situado a 19° 40' de latitude sul, o Cerrado está a apenas 835 metros acima do nível do mar. Apesar de abranger uma extensa área, esse bioma apresenta clima bastante regular, classificado como continental tropical semi-úmido. A temperatura média é de 25°C, registrando máximas de 40°C no verão.

Apesar da exuberância e importância o Cerrado está desaparecendo drasticamente devido aos novos processos de produção inseridas nesse bioma.

2.1 – Invisíveis cores verdes do Cerrado Goiano

Sabe-se que o território brasileiro foi apropriado e ocupado de forma desigual e várias foram as etapas desse processo que se desenvolveu em função da ampliação do capital.

Essas incorporações surgiram devido à ocupação produtiva do território revelando as contradições que marcaram os diversos lugares nacionais, com características peculiares, assinalando, dessa forma, as faces territoriais das ocupações, das produções, do uso e da apropriação dos lugares. Para Raffestin (1980, p. 143):

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático: ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator 'territorializa' o espaço. O território nessa



perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que por consequência, revela relações marcadas pelo poder.

No caso do território goiano, esse processo de organização e reorganização territorial fez com que a década de 1930 fosse o “marco divisório de um padrão territorial que estava sendo inaugurado no país, de que Goiás, necessariamente, receberia os impactos e participaria de maneira decisória” (CHAVEIRO, 2001, p.133). Sendo assim, esse novo padrão territorial atingiu o Estado de Goiás e a região Centro-Oeste alterando sua dinâmica política, econômica e cultural.

Na década de 1950, a rede ferroviária e a construção das rodovias proporcionaram uma nova reorganização espacial, possibilitando a formação de um complexo urbano/rural. Conforme Estevam (1998, p. 143): “A partir de 1950, embora timidamente, iniciou-se um processo de mecanização na agricultura goiana.” Essa modernização é fruto do processo de modernização urbana, que segundo Estevam (1998, p. 80) “não foi propriamente a agricultura que se industrializou, mas a indústria que industrializou a agricultura”.

A transnacionalização de sistemas ampliados de consumo e de capitais, estruturados em um crescente processo de urbanização da sociedade brasileira, a partir da década de 1960, é responsável pelo modelo de desenvolvimento que orientou a ocupação e a organização da economia goiana.

No final da década de 1970 e início da década de 1980, como resultado da política de modernização agropecuária, a agricultura goiana passou por transformações significativas, tendo como principal objetivo estreitar as relações entre o setor agrícola e o setor urbano-industrial. O Estado e os grandes produtores possibilitaram fortemente a modernização da agricultura em Goiás a partir da década de 1970.

O financiamento rural foi poderoso instrumento de ‘modernização’ da agricultura ao possibilitar incorporação de maquinário e insumos ao processo produtivo. As modificações técnicas na exploração agropecuária em Goiás, em função do crédito rural foram intensas na década de 1970. Estevam (1998, p. 172)

Vários setores foram sendo incorporados nesse processo, como as relações de trabalho, o padrão tecnológico, a distribuição espacial da produção, as relações intersetoriais. Essas grandes modificações e transformações aconteceram, principalmente pela via capitalista e por todo tipo de invasões culturais, econômicas e principalmente ambientais para instalar e



receber os novos modos de produção. Como afirma Mendonça: "... a partir desse momento pode-se dizer que a matriz espacial de Goiás é a modernização" (2004).

O Cerrado foi incorporado nessa modernização agrícola em 1970. Grande parte do Cerrado (biodiversidade e cultura) foi "invadido" pela reprodução ampliada do capital moderno. O bioma passa ser um atrativo para a produção de soja, uma vez que se amplia a demanda do produto nos mercados internacionais. Diante desse cenário de modernização, constroem-se as grandes lógicas do capital, que enraizado em interesses diversos desenharam e remodelam as paisagens.

Os projetos de expansão incorporados no Estado de Goiás reproduziram gradativamente através das políticas de integração do mercado nacional. A produção agrícola do Estado de Goiás destacou-se pela incorporação de um alto padrão tecnológico nas suas principais culturas, caso da soja, milho e com maior intensidade a partir de 2000 da cana-de-açúcar.

No estado de Goiás o Cerrado foi aos poucos fazendo parte das regiões de destaque na produção nacional. É importante considerar que o uso e a ocupação de algumas regiões do Cerrado goiano também se deram em tempos e espaços distintos. Em algumas cidades do sul: Itumbiara, Catalão, do sudoeste de Goiás: Jataí, Rio Verde, Mineiros, Serranópolis, entre outras, pode-se observar uma paisagem construída com elementos da Ciência, da Técnica, da Informação e da reprodução ampliada do capital, onde o agronegócio cresce aceleradamente em vários lugares, enquanto que em outras cidades do norte de Goiás como: Colinas do Sul, Cavalcante, Alto Paraíso, Minaçu, entre outras, o agronegócio ainda não "invadiu".

Sabe-se que ocupação histórica de Goiás se deu pela expansão de grandes fazendas de gado. Com a implantação de novas técnicas da agricultura, no sul e sudoeste goiano ocorreu novamente a concentração das terras, agora nas mãos de grupos empresariais que cultivam a terra para a produção de grãos, visando à exportação interna e externa, em um processo crescente e acelerado de exploração dos recursos naturais.

Mesmo com a implantação de uma infra-estrutura de transportes somada aos novos padrões tecnológicos de produção, o norte goiano adentrou na inserção da modernização do capital, e nos modelos de ocupação do agronegócio em tempo distinto e tardio. A abundância de terra no norte torna o meio de produção relativamente barato, mas a preparação do solo, como limpeza das propriedades, correção da acidez e fertilização para o cultivo exige um investimento de capital considerável. As paisagens no norte goiano vão se configurando com



exuberantes manchas de Cerrado e com comunidades tradicionais que tentam manter seus costumes e tradições.

No norte goiano o foco de disputa é o setor energético, devido seu potencial hídrico, exemplo disso é o rio Tocantins que nasce no Estado de Goiás, passa pelos estados do Tocantins, Maranhão e Pará, até chegar na foz do Rio Amazonas onde deságua. Ele é o segundo maior rio totalmente brasileiro (perde apenas para o Rio São Francisco), e também pode ser chamado de Tocantins-Araguaia, após juntar-se ao Araguaia na região do “Bico do Papagaio”, que fica localizada entre o Tocantins, o Maranhão e o Pará.

Foi aproveitando esse potencial hídrico do rio Tocantins que se deu a construção das Usinas de Serra da Mesa e Cana Brava no município de Minaçu. Sobre as particularidades paisagísticas e socioespaciais do norte, Almeida afirma que:

(...) no Norte algumas particularidades paisagísticas e socioespaciais o diferenciaram das demais do território goiano. O predomínio das formas serranas, o relevo formado por vales e chapadas, com vales de rios extremamente encaixados e as rupturas de declives favorecendo o aparecimento de inúmeras quedas d'água e cachoeiras e, em direção ao Nordeste Goiano, a existência de relevo cárstico com inúmeras cavernas e grutas (...) (2005, p. 333).

Essas particularidades paisagísticas podem ser observadas na figura 02 que destaca as mesorregiões de Goiás. Evidenciando o norte Goiano, mesmo sendo palco de disputas hídricas como a área mais preservada de Cerrado, e ao mesmo tempo retratando como o Cerrado Goiano hoje se transformou em “invisíveis cores verdes”, com grandes áreas ocupadas por agriculturas e pastagens.

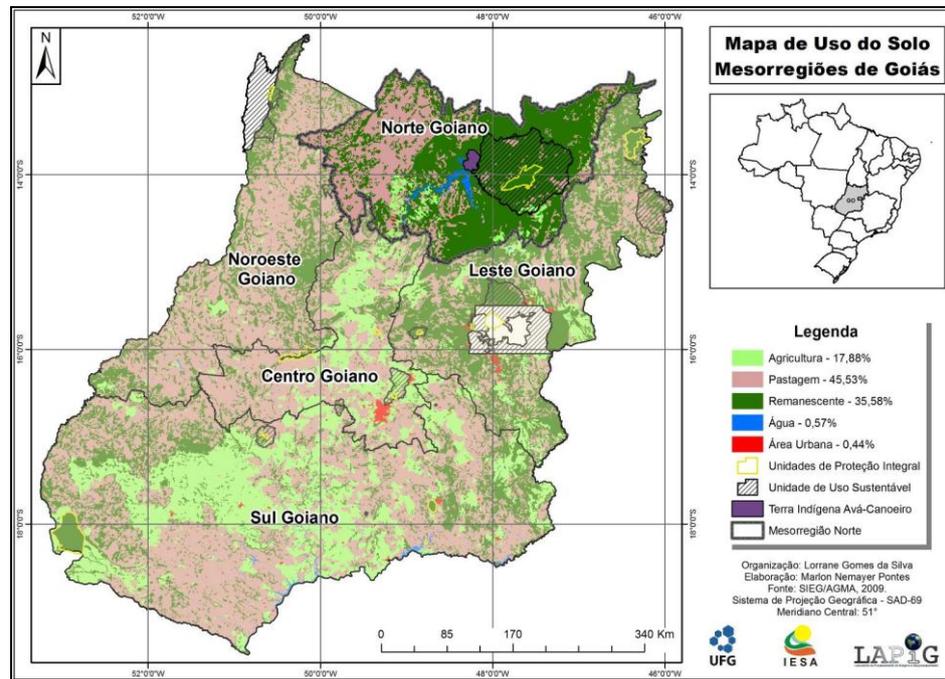


Figura 02: O Cerrado Goiano

No Cerrado goiano a modernização da agricultura se espacializa no sudoeste uma das microrregiões mais “impactadas” pela modernização, demonstrada na figura 02, (51 municípios) principalmente nas cidades de Rio Verde, Jataí, Mineiros, Chapadão do Céu, Serranópolis e Caiapônia. Faz parte da paisagem: grandes lavouras de soja, cana-de-açúcar, milho e pastagem, além de granjas e galpões de silagem. Sobre essa região Neto (2004, p. 120) destaca:

É o novo Eldorado de Goiás, mas seu povoamento e urbanização espontâneos iniciaram-se há mais de 150 anos. Tem como referência as cidades de Jataí e Rio Verde, mas em virtude de sua inserção no mercado internacional da agroeconomia baseada na produção de grãos e voltada para o mercado internacional, a região foi recentemente apontada como um ‘oásis rico do sertão’ por uma revista semanal brasileira.

O sudoeste goiano é uma região que teve um desenvolvimento econômico diferenciado, por ser uma área de ocupação agropecuária antiga, localizada próxima às regiões do Triângulo Mineiro e São Paulo, mas não se pode considerar o desenvolvimento, os investimentos da região como um todo já que está sofre intensas diferenciações espaciais.

O fator marcante para a inserção do maquinário agrícola no sudoeste goiano foi o relevo propício por planaltos e chapadas. Sobre o relevo da região Neto (2004, p. 120) afirma:

“A sua geomorfologia: um imenso planalto que se estende de leste para o oeste em patamares sucessivos, de altitudes diferentes, até atingir as superfícies mais elevadas em torno das cabeceiras do Rio Araguaia”. E ainda segundo Ferreira (2006, p. 102): “O Sudoeste de Goiás tinha a predominância de uma vegetação de campos e cerrados, com boas águas e solo de aparente fertilidade às margens dos córregos, nos vales e baixadas em que se desenvolviam as lavouras de subsistência”.

Nos últimos anos intensificou-se a instalação de empresas agroindustriais, constituindo-se em um pólo industrial que reúne a comercialização de insumos e bens de produção para a agricultura, seu processamento e comercialização. Como mostra a figura 03:



Figura 3: Paisagens de plantações de soja e milho no Sul goiano
Autora: SILVA, Lorraine Gomes da
Fonte: Trabalho de campo, junho 2008

Isso vem acontecendo porque a agroindústria tem encontrado na mesorregião condições adequadas para sua constituição, como produtores rurais dispostos a incorporar a base tecnológica exigida, os incentivos governamentais (federal, estadual e municipal). Considerando que as regiões e/ou municípios que se beneficiam são aquelas que possuem certa infra-estrutura, e produzem matéria-prima relacionada com o que a empresa deseja transformar. Ou seja, que atendam o modelo econômico vigente, e os municípios que realmente precisam se desenvolver se tornam vulneráveis ao modelo capitalista.

Como é o caso do sudoeste atento a tantas potencialidades, os investidores transformaram a região em uma grande produtora, de grãos, para o abastecimento do mercado mundial. A soja e o milho foram selecionados, juntamente com a pecuária, como produtos de destaque regional, bem como a mineração e a silvicultura. Para Arrais:



A região Sudoeste foi preparada intencionalmente para o progresso, para o mandar e para o fazer, numa escala que vai além dos limites da própria região. É do fazer porque lá a produção acontece. É do mandar, se considerada a escala regional, pois a força do grande capital é capaz de ordenar a produção nesse espaço regional. (2002, p. 167).

Atualmente o sudoeste é uma região pioneira do Agronegócio, intensificando-se cada vez mais sua produção e importância econômica para o estado de Goiás. Vem se destacando como um pólo de atração de projetos agroindustriais. Estes projetos demandam grande quantidade de matérias primas, como grãos, frangos e suínos, e levam a um uso mais intenso das terras destes municípios.

Nota-se que Goiás tornou-se um estado integrado às demandas do mercado internacional e, de fato, conseguiu se integrar ao processo de globalização. Processo este, muitas vezes perverso, como argumenta Santos (2000, p. 38), nesta dinâmica globalizante: “... há um verdadeiro retrocesso quanto à noção de bem público e de solidariedade, do qual é emblemático o encolhimento das funções sociais e políticas do Estado, enquanto se amplia o papel político das empresas na regulação da vida social”.

A inserção significativa de Goiás na economia brasileira é representada, pela valoração do bioma Cerrado (antes invisível), que a partir de então recebeu inúmeros investimentos e foi reconhecido como possuidor de terras planas e chapadões, tornando viável a mecanização, com uso intensivo de máquinas agrícolas e adaptação das sementes ao solo, com o auxílio da engenharia genética.

Reforçando assim a idéia de que o Cerrado hoje se encontra resignificado em um palco de disputas territoriais de várias ordens desde quando saiu do desprezo para a valoração econômica. O que valoriza também destrói drasticamente, tornando a razão do desprezo e a razão da destruição uma única visão economicista do Cerrado.

3 - Entre duas realidades: Minaçu e Rio Verde

3.1 – Minaçu

Minaçu, cidade localizada no extremo norte de Goiás, pertence à mesorregião do norte Goiano e microrregião de Porangatu como mostra a figura 04, tem extensão territorial de 2861,6 km² (IBGE, 2000), altitude média de 598 metros, clima tropical quente e úmido, com

verão chuvoso e inverno seco e temperatura média anual de 24° C. Coordenadas geográficas: Latitude Sul: 13° 31' 59'', Longitude Oeste: 48° 13' 12''.

Encontra-se distante de Goiânia 502 km (via Nerópolis) e 530 (via Anápolis); de Brasília, 642 km (via Anápolis), 480 km (via Barro Alto) e 350 km (via Colinas do Sul. A topografia é acidentada, morros e serras favorecem os sistemas naturais de irrigação. O solo é rico em ocorrências de minerais como: berilo, calcário, níquel, zinco e amianto crisotila. Sua formação vegetal é o Cerrado, embora com uma paisagem bastante modificada por garimpos, desmatamentos e queimadas. Como mostra a figura 04:

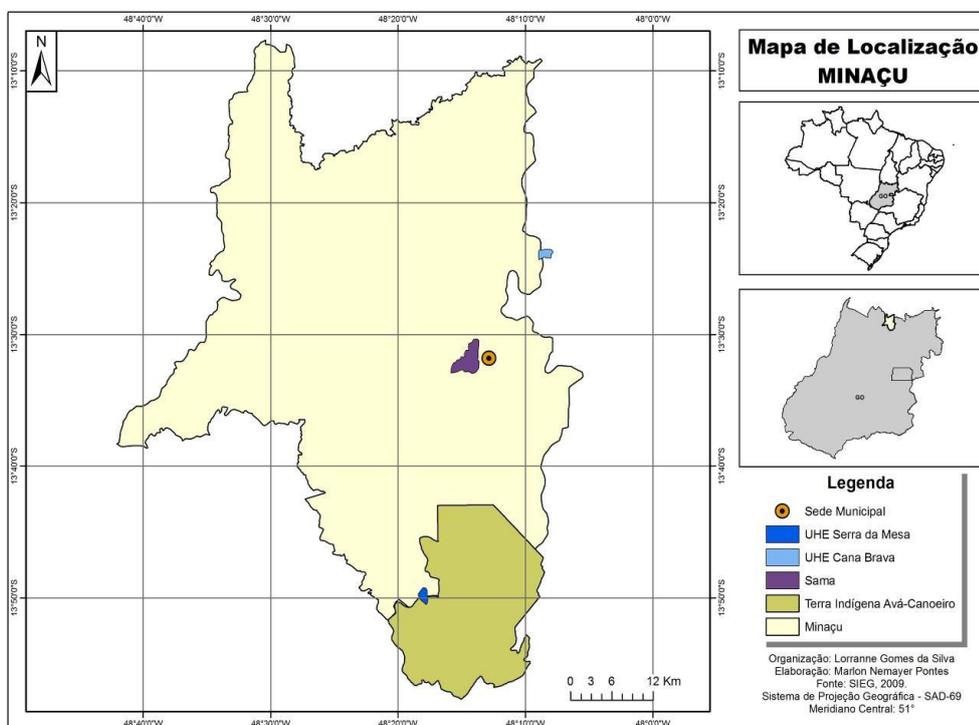


Figura 04: Localização de Minaçu

Historicamente, a origem da economia goiana está ligada à mineração, e as cidades da mesorregião do norte de Goiás não fogem da regra. A origem de Minaçu e a mineração se confundem. Com o diferencial de que Minaçu não foi o ouro o responsável pela sua origem e posterior desenvolvimento econômico; mas a descoberta de um material não metálico: o amianto crisotila, como mostra a figura 05.

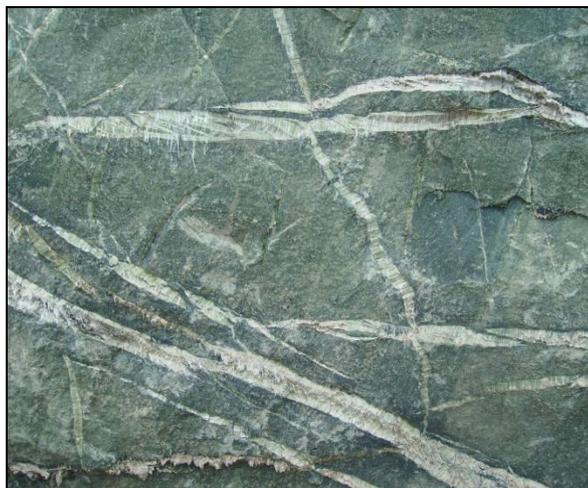


Figura: 05 - Amianto crisotila
Autora: SILVA, Lorraine Gomes da
Fonte: Trabalho de campo, Outubro de 2008

As atividades da SAMA – Mineração de Amianto atraiu muitas outras atividades econômicas para a cidade, nas áreas da prestação de serviços, comércio e indústria. A própria implantação de infra-estrutura, como a construção da vila industrial dotado de estação de tratamento de água e esgoto, centro educacional, centro de formação e treinamento profissional, hospital, clube social, centro esportivo e de lazer demandou uma ampla prestação de serviços, e a mão de obra de muitos operários. Atualmente a empresa não emprega tantas pessoas como em anos anteriores, devido à modernização da produção, fato presente na nova economia capitalista.

As implantações das Usinas Hidrelétricas de Serra da Mesa e de Cana Brava contribuíram economicamente para o crescimento da cidade de Minaçu. Especialmente no período de construção da UHE de Serra da Mesa (1986-1998), houve uma expansão do comércio local; abertura de muitos estabelecimentos comerciais; crescimento do mercado imobiliário e surgimento de bairros novos devido ao grande crescimento demográfico, dentre os quais vila Popular, vila Manchester e vila de Furnas, construída pela empresa Camargo Correia para abrigar os construtores (engenheiros e operários) da UHE de Serra da Mesa.

A 26 quilômetros da cidade de Minaçu está localizada a Terra Indígena Avá-Canoeiro. A área de reserva serve como proteção do Cerrado da região devido sua extensão. Os índios nesse contexto além de histórias vivas de um passado marcado por massacres, disputas e luta por sobrevivência são hoje guardiões do Cerrado.

Apesar de terem seu território “invadido” pelas Usinas Hidrelétricas de Serra da Mesa e Cana Brava, os Avá-Canoeiro são vigiados e controlados pela FUNAI que impede contatos com não-índios, a fim de preservar sua cultura e seus costumes que de fato não são mais constantes no seu cotidiano devido à fragmentação do grupo (apenas 06 pessoas).

Assim, Minaçu é um exemplo de proteção do Cerrado goiano, primeiro por ter em seu território a Reserva Indígena dos Avá-Canoeiro que protege 38 mil hectares e em segundo por ainda não ter caído nas garras do agronegócio. Mesmo sendo palco de disputas do hidronegócio que impacta, degrada, reconfigura as paisagens e desapropria comunidades, a região consegue ainda manter grande áreas de Cerrado de pé, deixando ainda o mapa do Estado com uma mancha verde do pouco que ainda resta desse bioma.

3.2 – Rio Verde

Rio Verde é um município brasileiro do estado de Goiás. Sua população segundo o IBGE (2004) era de 158.818 habitantes, ocupando uma área de 814 mil hectares, que se fortaleceu e fortalece a cada dia. O município está próximo de grandes centros como Uberlândia (335 km), no Triângulo Mineiro, cujo acesso é facilitado pelas rodovias federais – BR 060 e BR 452 – e estaduais – GO 174, GO 333 e GO 210, como mostra a figura 06:

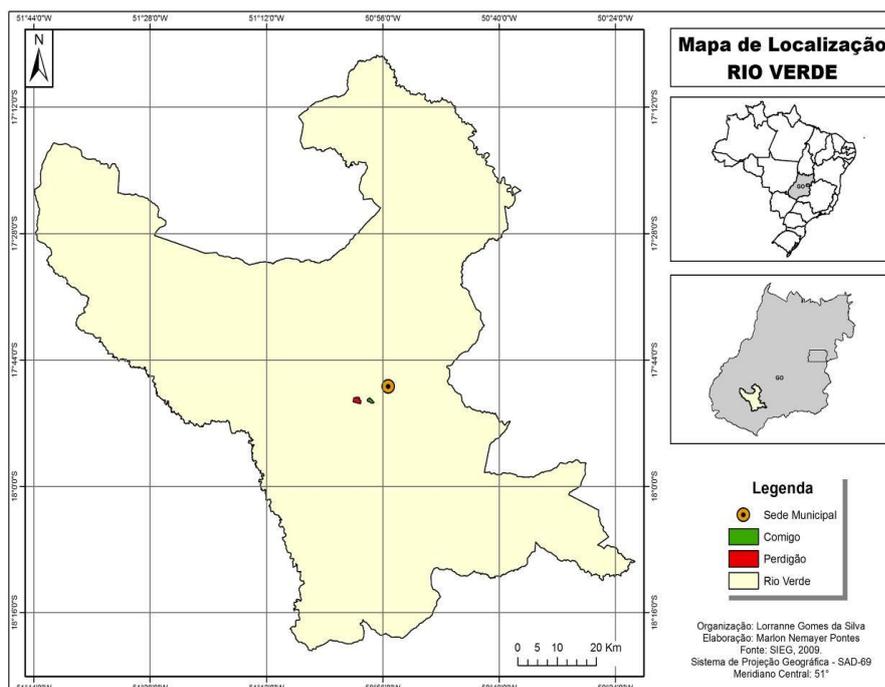


Figura 06: Mapa de localização da cidade de Rio Verde/GO

A microrregião de Rio Verde vem se firmando como pólo de produção agropecuária, que reúne a comercialização e processamento de insumos e bens de produção para a agricultura, através de investimentos em tecnologia. É o terceiro município mais dinâmico do Brasil¹. Esse dinamismo é baseado por indicadores, como o aumento do Índice de Potencial de Consumo (IPC), variação do Produto Interno Bruto (PIB) em relação ao Brasil, operações bancárias por habitantes, criação de empresas, licenciamento de veículos, aumento da população e gastos municipais por habitantes nas áreas de educação, saúde, saneamento, ciência e tecnologia. É o maior produtor de soja do estado, Rio Verde responde por cerca de 1% da produção nacional de grãos.

A principal base econômica municipal – o agronegócio baseou-se em culturas como: soja, milho, algodão, sorgo, feijão, arroz, girassol, trigo, tomate, café, forrageiras diversas, entre outras. As culturas obedecem ao princípio de rotação e estão associadas à tecnologia de ponta, inclusive o plantio direto, o restante da área do município é ocupado por pastagens. A figura 07 mostra plantações de girassol, algodão e sorgo.



Figura 7: Plantações de girassol, algodão e sorgo em Rio Verde
Autora: SILVA, Lorraine Gomes da
Fonte: Trabalho de campo, junho, 2008

Outro grande marco que aconteceu em Rio Verde foi na década de 1970, como consequência de todos os avanços, surge a Comigo (Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano). A cooperativa mais antiga do Centro-Oeste, predominando as culturas

¹Segundo levantamento público no Atlas do Mercado Brasileiro, do Jornal Gazeta Mercantil.

de arroz e milho com baixa aplicação de tecnologia, em funcionamento no município de Rio Verde.

A Comigo, também desempenha papel relevante na diversidade da produção de grãos local, com nove indústrias no seu Parque Industrial. O principal produto processado pela cooperativa é a soja, dela a Comigo produz óleo e farelo usados para a fabricação de rações para diversas espécies animais, além de vender as sementes, comercializa em todo país. Atualmente, a Comigo, emprega 1400 funcionários permanentes, fora os contratados por tempo determinado na época de safra.



Figura 8: COMIGO (Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano), localizada em Rio Verde

Autora: SILVA, Lorraine Gomes da

Fonte: Trabalho de campo, junho, 2008

No cenário agroindustrial, a Perdigão é um dos grandes destaques. A implantação do maior complexo agroindustrial da América Latina se deu em 2000, no município, e transformou definitivo o perfil econômico local. Na agroindústria, são abatidos diariamente 420 mil aves e 4.200 suínos, criados respectivamente, em 792 galpões de aves, sendo que destes 60 são para a produção de ovos e 616 galpões de suínos.

A Perdigão consome anualmente cerca de 750.000 toneladas de milho e farelo de soja, que são utilizados no abastecimento da indústria de ração, a maior do mundo. Cinquenta por cento da produção total é destinada à exportação, atendendo a 102 países. Lacerda afirma:

A Perdigão representa grande fonte de poder no município de Rio verde, uma incorporação que selecionou cadeias produtivas, parcerias na criação de aves e suínos e uma série e outras matérias básicas de produção, parcerias com médios e grandes latifundiários, bancos, instituições de pesquisa, apoio estatal que viabilizam políticas de crédito agrícola (2004, p. 29).



Assim, as relações campo/cidade em Rio Verde se estreitam e novas territorializações são estabelecidas em interação da agricultura/indústria com a presença da Perdigão e da Comigo. Falar de Cerrado é falar de território, de disputa de poder e de espaço, conquista e invasões, relações políticas norteadas na disputa territorial desde as primeiras ocupações dessas áreas.

Dentro dessas disputas territoriais há também conflitos étnicos e culturais, identidades disputando territórios e sua auto-afirmação enquanto grupo. Raffestin diferencia espaço de território, e diz que:

O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático: ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. O território nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que por consequência, revela relações marcadas pelo poder (1980, p. 143).

No Cerrado, a emergência pela identidade e reconhecimento entre grupos que vivem neste mesmo ambiente representa uma recusa dos grandes investimentos de capitais, mas também das tendências do mercado em subordiná-los aos seus processos reprodutivos. Surge uma defesa das tradições, as quais aparecem relacionadas às experiências particulares e enraizadas num lugar em que o comunitário teve sua importância. Com a modernização dos processos produtivos, é preciso pensar naquilo que resiste das antigas comunidades e dos valores sócio-culturais de cada grupo social envolvidos na reocupação do Cerrado. Almeida, afirma que:

A preservação das identidades e dos valores culturais, o enraizamento à terra aparecem como suportes da biodiversidade, da resiliência e da complexidade do ecossistema. São as populações que habitam as matas, cerrados e caatingas e as áreas rurais onde se expressa sua cultura ecológica, que têm condições de manter a base de recursos como legado de um patrimônio histórico e cultural (2002 p.16).



Em grande parte do Cerrado às novas dinâmicas se apresentam como decorrentes da especialização, da produção envolvendo alta tecnologia, portanto, de imposições tecnológicas que se transformam num conjunto de subordinações que agem sobre todos embora com intensidades diferentes, tornando-se fonte de legitimidade de uma ordem social fundada na lógica reprodutivista do capital.

Ao contrário de Minaçu a cidade de Rio Verde devido o processo de produção vem acabando com o Cerrado ao passo que incorpora nele imensas paisagens de cana - de açúcar, algodão, soja, milho, sorgo. O Cerrado do sudoeste goiano que era invisível tornou-se produtivo, lucrativo e novamente nos últimos anos vem se tornando invisível, agora não pela desvalorização, mas pela degradação maciça desse bioma.

4- Considerações Finais

Tanto em Minaçu como em Rio Verde, o grau de intensidade e abrangência da modernização ampliada do capital sofre impactos diferenciados, como também as evidências dos problemas sociais.

Diante desse quadro de expansão, o uso da terra no sudoeste goiano é altamente intensivo na busca de ganhos de produtividade e aumento das áreas de produção agrícola, com isso tem-se um cenário de devastação ambiental que atinge as bacias hidrográficas da região e favorece um processo de modificações de algumas áreas. No norte devido às várias inviabilidades de investimentos, o agronegócio ainda não se apropriou, mas é uma região pressionada pelo hidronegócio que aos poucos delimita e reconfigura o território.

O sistema capitalista de produção parece, na maioria das vezes, aniquilar muitos sujeitos de suas formas, importâncias, valoração. Sendo estes os mesmos a sustentá-lo, com o aval da Universidade, da ciência, da Igreja, da família e, principalmente, por meio dos nossos escritos quando defendemos coisas e fenômenos que o capital não nos paga para defendermos como: o desenvolvimento sustentável, o turismo, as festas mercadológicas, o consumismo, a moda, o carro do ano, as férias nas piscinas de águas quentes, os passeios nos shoppings centers, as baladas noturnas, etc. As evidências são para a minoria que detém a concentração da renda em padrões muitas vezes absurdos e desiguais.

Hoje estamos no mundo da mobilidade espacial, onde as mudanças atravessam a vida dos sujeitos. O povo Indígena Avá-Canoeiro localizados no norte goiano sobreviveriam no



sudoeste goiano em meio a inserção do agronegócio? Como sobrevivem os sujeitos inseridos no contexto do sudoeste goiano? Os pequenos produtores? Os assalariados? As mulheres? A juventude? Os trabalhadores? Os idosos? As crianças?

Onde estão os sujeitos do Cerrado goiano? Quem são eles? Como são?

Questões como essas deve nos incomodar. Não podemos estar na modernidade se não compreendemos a racionalidade e as funções sociais dos processos, como o Agronegócio, o Hidronegócio. Vimos que o Cerrado está sendo “destruído” de uma forma assustadora, antes nunca vista.

Diante esse cenário, é necessário compreender esse bioma como sendo um conjunto que só existirá se as pessoas, sobretudo os grandes investidores e o Estado, respeitarem as paisagens fitofisionômicas. Ao contrário elas terão grandes conseqüências pela irresponsabilidade de atuação no processo de ocupação do ambiente Cerrado, das práticas modernas da globalização, que enxerga apenas o viés econômico em detrimento da necessidade da preservação paisagística e conseqüentemente ambiental.

Muitos sujeitos são protagonistas dessas transformações no Cerrado, a partir das políticas de produção, os impactos ambientais são causados por ações humanas de uso, ocupação, apropriação, modernização da agricultura. Uma vez a natureza “tocada”, não é possível remontar sua originalidade (estado “natural”), diante do discurso de preservação o que resta é a minimização dos danos causados, o que nos levaria pensar no conceito de planejamento, que seria prever o que estar para acontecer ou mitigar o que aconteceu.

O Cerrado antes da ocupação era invisível, desprezado, hoje está em constante movimento onde os lugares são pensados, planejados, monitorado por uma visão economicista. As questões sobre o Cerrado são complexas consegue-se encontrar, justificar, diversos problemas ambientais, sociais, no entanto, será que cultural e economicamente fica a sustentabilidade desse bioma?

É preciso pensar em uma análise integrada do Cerrado – o Cerrado como elemento cultural, já que ele é diferenciado não apenas pelas fitofisionomias, mas culturalmente.

Portanto, considerando inclusive que o Cerrado é um bioma de interconexão com os demais biomas brasileiros o que acontecer no Cerrado afetará todos os demais biomas, quebrando o corredor biológico natural que existe na América. Será que isso seria um “problema” para os lucraores do Agronegócio do Hidronegócio?



5- Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M. G. *Cultura Ecológica e Biodiversidade*. Mercator Revista de Geografia da Ufc, Fortaleza, v. 3, p. 71-82, 2002.
- ALMEIDA, M. G. *A captura do cerrado e a precarização dos territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos*. In: ALMEIDA, M.G. de (org). *Tantos Cerrados*: Goiânia: Vieira, p. 321-347. 2005.
- ARRAIS, Tadeu Pereira Alencar. Goiás: novas regiões, ou novas formas de olhar velhas regiões. In: *Abordagens Geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. ALMEIDA, Maria Geralda. Goiânia: IESA, 2002.
- CASTRO, L.H.R., Moreira, A.M. & ASSAD, E.D. Definindo padrões espaciais de precipitação no Cerrado Brasileiro. In: *Chuvvas nos Cerrados: Análise e Espacialização*, ed. E.D. Assad, 423p. Brasília, DF: Embrapa-SPI. (1994).
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia, uma metrópole em travessia*. Tese. (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 2001.
- ESTEVAM, Luís. *O tempo da transformação. Estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. Goiânia. Edição do autor, 1998.
- FERREIRA, Idelvone Mendes. Tese de Doutorado: *Bioma Cerrado: um estudo das paisagens do Cerrado*. UNESP, 2006
- IBGE. (2004) *Mapas interativos* (Mapa de Biomas). [WWW document]. URL <http://www.ibge.gov.br/mapas/>
- LACERDA, Benjamin. *Modernização da agricultura: desenvolvimento e contradições no arranjo espacial de Rio Verde-GO*. Dissertação de mestrado: IESA, UFG, 2004.
- MENDONÇA, Marcelo. R. *A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano*. Dissertação (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Presidente Prudente, 2004.
- MOTTA, P.E.F., Curi, N. & Franzmeier, D.P. (2002) Relation of soils and geomorphologic surfaces in the Brazilian Cerrado. In: *The Cerrados of Brazil: ecology and natural history of a Neotropical savanna*, eds. P.S. Oliveira & R.J. Marquis, pp 13-32. Columbia, NY: University Press.
- NETO, Antônio Teixeira. Et all. *O espaço goiano: abordagens geográficas*. Goiânia. AGB, 2004.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. Tradução: Maria Cecília França.



GEOAMBIENTE ON-LINE
Revista Eletrônica do Curso de Geografia - Campus Jataí- UFG
Graduação e Pós-Graduação em Geografia
www2.jatai.ufg.br/ojs/index.php/geoambiente
Apoio: PRPPG/PROAPUPEC
| Jataí-GO | n.14 | jan-jun/2010 |



Paris. Ática, 1980.